



Maio, mês dos museus!



Horário

Museu de Angra do Heroísmo
(Edifício de São Francisco | Sede)
&
Núcleo de História Militar
Manuel Coelho Baptista de Lima

Período de verão
1 de abril até 30 de setembro

Terça-feira a domingo e feriados
10h00 às 17h30

Encerramento às segundas-feiras

Carmina | Galeria de Arte
Contemporânea Dimas Simas Lopes

Terça, quarta e quinta-feira
09h30-12h00 / 13h30-16h00

Sexta-feira e sábado
17h00-20h00

Encerramento aos domingos
e segundas-feiras

Preço

Museu de Angra do Heroísmo
(Edifício de São Francisco | Sede)
&
Núcleo de História Militar
Manuel Coelho Baptista de Lima

Ingresso individual **2.00€**

Jovens entre os 15 e 25 anos
Reformados
Idade igual ou superior aos 65 anos
Docentes
Cartão Jovem Municipal
Grupos de 10 ou mais pessoas **1.00€**

Crianças até 14 anos
Visitas de estudo
Domingos **Entrada Grátis**

Carmina | Galeria de Arte
Contemporânea Dimas Simas Lopes

Entrada Grátis

Moradas e Contactos

Museu de Angra do Heroísmo
(Edifício de São Francisco | Sede)

Ladeim de São Francisco,
9700-181 Angra do Heroísmo
+351 295 240 800

Latitude 38.6569297
Longitude -27.2167038

Núcleo de História Militar
Manuel Coelho Baptista de Lima

Rua da Boa Nova,
9700-031 Angra do Heroísmo
+351 295 218 383

Latitude 38.653773
Longitude -27.223600

Carmina | Galeria de Arte
Contemporânea Dimas Simas Lopes

Outeiro do Galhardo, 13A, Ladeira Grande
9700-353 Angra do Heroísmo
+351 295 248 968

Latitude 38.6575237
Longitude -27.1605434

Siga-nos
nas nossas
redes sociais



@MuseuDeAngraDoHeroismo



@museu.angra



museu-angra.azores.gov.pt

English Version



Este Difícil Amor

5 de maio, 21h00 Auditório do MAH

Café Teatro com A Sala

"O amor tem de ser trabalhado, reinventado e compreendido. Nem sempre fácil, nem sempre incondicional, nem sempre para sempre."

"Este difícil amor..." Venha ouvir falar dele com o grupo de teatro A Sala.

Regime de livre acesso

Organização:



O amor tem de ser trabalhado, reinventado e compreendido. Nem sempre fácil, nem sempre incondicional, nem sempre para sempre. "Este difícil amor..." Venha ouvir falar dele com o grupo de teatro A Sala. Regime de livre acesso.



CAFÉ TEATRO:
**ESTE
DIFÍCIL
AMOR**

AUDITÓRIO DO MAH, EDIFÍCIO DE SÃO FRANCISCO, 5 DE MAIO, 21H00

05

Quando a Tinta não Vinha em Tubos

7 de maio, 14h00 Serviço Educativo do MAH

Workshop de elaboração de tintas de óleo

Monitor **Francisco Nisa**

Público alvo **6 adultos**

Custo **10€** valor a pagar ao formador

Frequência gratuita dependente inscrição prévia através do e-mail museu.angra.agenda@azores.gov.pt ou do telefone **295 240 800**



GOVERNO DOS AÇORES Museu de Angra do Heroísmo

07

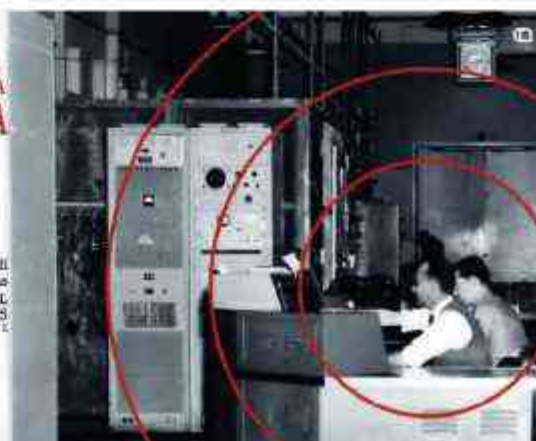
As Informações Militares em Portugal no Período da Guerra Fria (1974-1991)

7 de maio, 15h00 Auditório do MAH

Conferencista **Tenente-Coronel
António Pedro Cordeiro Menezes**

2º Comandante do Regimento de Guarnição N.º1

Regime de livre acesso



Domingos com Música

8 e 22 de maio, 11h00 Igreja de Nossa Senhora da Guia

Concertos no órgão histórico construído por **António Xavier Machado e Cerveira** em 1788

Organista **Gustaaf van Manen**

Entrada livre



08

Histórias da China Venham mais 5!

12 de maio, 12h30 Claustro do Edifício de São Francisco

12

Visita Temática à Hora de Almoço

Orientação **Ana Lúcia Almeida, Francisco Lima e Maria Helena Ormonde**
técnicos superiores do MAH

Público alvo **10 adultos**

Inscrição prévia através do e-mail museu.angra.agenda@azores.gov.pt ou do telefone **295 240 800**

Almoço no claustro do Edifício de São Francisco, a partir das 12h00. Refeições asseguradas pela empresa **Health2Go** mediante reserva prévia, no momento da inscrição (custo **12.50€**)

Colaboração



As Moedas Islâmicas

20 de maio, 21h00 Edifício de São Francisco

Inauguração da mostra

Conferencista Professor Luis Filipe Thomaz

Regime de livre acesso



20

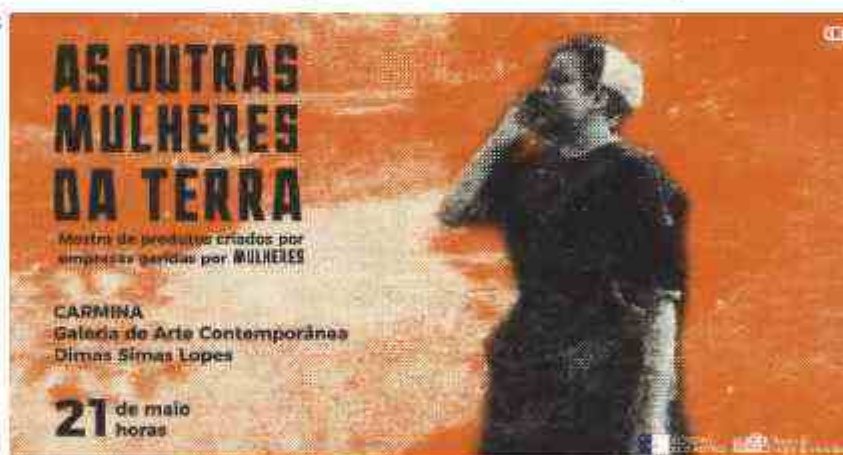
As Outras Mulheres da Terra

21 de maio, 20h00 Carmina | Galeria de Arte Contemporânea Dimas Simas Lopes

Mostra de produtos criados por empresas geridas por mulheres

Regime de livre acesso

Open call até dia 18 de maio



21

O que faz falta... É malhar na malta!

27 de maio, 21h00 Carmina | Galeria de Arte Contemporânea Dimas Simas Lopes

Inauguração da exposição

Regime de livre acesso



27

Mostras e Exposições

Miniaturas de Veículos de Emergência 17horas

Inauguração da mostra *Miniaturas de Veículos de Emergência | Coleção de Lúcio Fernandes*, cerimónia de doação
Edifício de São Francisco
Reserva de Transportes dos Séculos XVIII a XX

Prazer do Espírito e do Olhar Paisagem e Viagem em Arte Portuguesa da Coleção Arquipélago 18horas

Inauguração da exposição e visita orientada por Diana Santos, historiadora de arte
Edifício de São Francisco
Sala Dacosta

Os "Heróis" de Capelinhos 19horas

Inauguração da mostra *Os "Heróis" de Capelinhos*
Edifício de São Francisco
Do Mar e da Terra... uma história no Atlântico - 1.º Momento

Museu Mundi 20 horas

Visita orientada a diferentes espaços expositivos
Edifício de São Francisco

Trajes Tradicionais da Ucrânia 21horas

Inauguração da mostra *Trajes Tradicionais da Ucrânia | a cor da identidade*
Edifício de São Francisco
Audifório

Noite dos 20 Museus 22

Museu Mundi 14 de maio

Eventos

MAH de bicicleta 16horas

Início de cycle tour pelos diferentes núcleos expositivos do MAH
Concentração no adro da Igreja de Nossa Senhora da Guia

Museu Gastronómico 18:30horas

Abertura dos quiosques
Edifício de São Francisco
Claustro

Animação Musical 22horas

Edifício de São Francisco
Claustro



Prazer do Espírito e do Olhar

Paisagem e Viagem em Arte Portuguesa da Coleção Arquipélago

14 de maio a 11 de setembro, Sala Dacosta



Inauguração da exposição
18h00

Regime de livre acesso

Esta exposição itinerante, produzida pelo Arquipélago | Centro de Arte Contemporânea, explora afinidades que relacionam distintos objetos de Arte Contemporânea, procurando um sentido bem circunscrito, que identifica e dá coerência à própria coleção; e, ao mesmo tempo se associa à identidade do Arquipélago açoriano. Deste modo, a seleção de obras apresenta o trabalho de vários artistas nacionais, tendo como fio condutor do discurso expositivo os temas da Paisagem e da Viagem.

Pensando nas diferenças de escala e particularidades identitárias de cada ilha, foram seleccionadas exatamente nove obras, com diferentes escalas e singularidades, que ainda que representem a arte portuguesa contemporânea, têm pronúncias distintas, resultantes de diferentes formas de estar e de pensar a Arte, mesmo que próximas e unidas sob um conjunto de pontos de contacto a partir dos quais se constrói a narrativa expositiva.

Os "Heróis" de Capelinhos

Exposição Interativa sobre o Vulcão dos Capelinhos

14 a 29 de maio, Do Mar e da Terra... uma história no Atlântico 1º Momento

Inauguração da exposição
19h00

Regime de livre acesso

Os "Heróis" de Capelinhos

Inauguração de exposição itinerante nos
65 anos da erupção, nos Museus dos Açores

Uma iniciativa do Observatório Vulcanológico e Geotérmico dos Açores apoiada pela Direção Regional das Ciências e Tecnologia Digital no âmbito da medida Implementação de Iniciativas e projetos de difusão da cultura científica e tecnológica - organização de eventos - 005/2022

14 de maio de 2022

Do Mar e da Terra... uma história no Atlântico



Esta exposição digitalmente interativa sobre o Vulcão dos Capelinhos, da responsabilidade do Observatório Vulcanológico e Geotérmico dos Açores (OVGA), visa assinalar os 65 anos daquela erupção, homenageando diversas figuras de cientistas associados ao estudo daquele processo eruptivo, além de todo o povo da ilha da Faial.

Concebida para ser itinerante, estará patente em vários núcleos museológicos de todas as ilhas dos Açores, de forma a promover a literacia científica do público visitante.



O que faz falta... É malhar na malta!

Pintura de Luís Herberto

27 de maio, 21h00 Camina | Galeria de Arte Contemporânea Dimas Simas Lopes



Inauguração da exposição
Patente até dia 10 de setembro
Regime de livre acesso

o que faz falta... É MALHAR NA MALTA



Luís Herberto, pintor nascido na Ilha Terceira em Angra do Heroísmo, em 1966, explora na sua obra questões de género, sexualidade, provocação e arte.

Nesta sequência de pinturas de grande formato, cujo título evoca a célebre canção de intervenção de Zeca Afonso *O que faz falta*, apresenta, numa linguagem declaradamente gráfica, muito próxima da dos murais, imagens da atuação de forças policiais e paramilitares, em manifestações várias, sobretudo quando estão em causa atropelos claros à dignidade social e aos mais elementares direitos da nossa existência social e democrática.





Comunicações na Ilha Terceira O Radioamadorismo e a Guerra Fria

9 de abril a 3 de julho Edifício de São Francisco Sala do Capitulo

A riqueza e diversidade do acervo do MAH no domínio das radiocomunicações, resultante em parte de duas importantes doações efetuadas nos últimos anos, uma por Victor Jorge Pamplona Ramos (1937) e outra pelos herdeiros de João Fernando Goulart Bettencourt Pereira Porto (1928-2012), tornou possível efetuar à presente abordagem expositiva em que se apresenta uma seleção representativa da evolução das comunicações via rádio, com destaque para o radioamadorismo e para um determinado aspeto das comunicações ocorridas na Ilha Terceira, no contexto da Guerra Fria.

Esta exposição representa, assim, uma homenagem a todos os profissionais e amadores que se dedicam às comunicações rádio, com especial referência a Victor Ramos e João Porto, pelo profissionalismo e dedicação com que exerceram, ao longo da sua vida, tal atividade.



COMUNICAÇÕES NA ILHA TERCEIRA

o Radioamadorismo e a Guerra Fria





Metamorfoses

Pintura de Francisco Nisa

5 de março a 8 de maio, Edifício de São Francisco Sala Dacosta

Quem, olhando o céu, não viu cavalos alados, dragões adormecidos e monstros aterradores? Quem, olhando o chão, não viu rostos nas rochas e silhuetas nas poças?

Chama-se pareidolia a esse fenómeno psicológico que nos faz atribuir um significado a um estímulo vago e aleatório, reconhecendo como familiar o que para outros não passa de um conjunto de traços indistintos.

Estes pequenos retratos de Francisco Nisa resultam dessa sensibilidade aos sinais que subliminarmente nos rodeiam, a que se soma a capacidade de dotar esses rostos lidos nas pedras de carácter, estilo e emoção, atribuindo-lhes uma dimensão de tipos sociais.

Neste processo, a fotografia surge não como fim em si, mas como meio. Capta e regista para chegar ao trabalho final da pintura. Esta não é já uma cópia da imagem fotográfica, mas a representação humanizada das imagens iniciais, utilizando embora o género tradicional do retrato.

A tinta, aplicada em matéria espessa, como utilizada por Rembrandt ou Velasquez, confere a estas pinturas um carácter escultórico e dramático. A pequena escala, na linha do pintor Miguel Branco, dá-lhe um carácter discreto que convida à aproximação.



As mulheres da terra

Fotografia de Rui Caria

28 de janeiro a 21 de maio, Carmina | Galeria de Arte Contemporânea Dimas Simas Lopes

Lisandra, Beatriz, Virgínia, Verónica, Denise, Nélia, Isilda e Urselina, são os nomes de oito mulheres açorianhas com idades entre os 21 e os 80 anos. Algumas trabalham a tempo inteiro nas terras, cuidando dos animais, outras fazem-no como segunda ocupação, ajudando a família nesta dura atividade diária que é uma das principais fontes de rendimento de tantas famílias da Ilha Terceira. Num trabalho, predominantemente, realizado por homens, estas mulheres são como um raio de sol no inverno. Mostram a força do seu ser, sem limitações ou preconceitos. E mesmo quando algumas dizem ir apenas "ajudar as maridas", percebe-se, ao vê-las trabalhar, que elas não ajudam; elas fazem o que é preciso ser feito. Esta mostra é uma menção a todas as mulheres que escolhem, todos os dias, os trabalhos mais severos e com eles fazem o bailado da vida.





Vitrine de Curiosidades

Livro de Cheques e Caderneta do Banco do Faial pertencentes ao Maestro Francisco de Lacerda

Edifício de São Francisco | Memórias

5 de abril a 1 de maio



Não foi há muito tempo que deixámos de “passar cheques”; ou seja, de preencher documentos cedidos pelos nossos bancos, com os valores em algarismos e por extensão, os nomes completos de destinatários e as nossas assinaturas, para fazermos pagamentos mais vultosos. Contudo, muito provavelmente pela delicadeza do assunto envolvido, o dinheiro ou a (des)fortuna, estas formas de papel-moeda são raras no acervo dos museus. Daí o destaque dado a este Livro de Cheques e Caderneta do Banco do Faial, da Agência de Lisboa, com registos datados de dezembro de 1931 a julho de 1932, pertencentes ao espólio do maestro jorgense Francisco de Lacerda (1869-1934), que atualmente integra o Centro de Documentação do Museu de Angra do Heroísmo. Recorde-se que nos alvares dos anos 30 do século passado, Portugal saía de uma profunda crise económica e entrava na estabilidade de um regime ditatorial, animando-se com algumas expectativas de desenvolvimento, que se estampavam nos emblemas das instituições – neste caso, o caduceu e a foice, entrecruzados sobre a roda dentada, símbolos da indústria, do comércio e da agricultura, encimados pelo símbolo regional, o açor.

Medalhas Comemorativas da Visita Régia

Edifício de São Francisco | Memórias

3 de maio a 5 de junho



Estas medalhas comemorativas em barro cozido foram concebidas em 1901, por ocasião da | Visita Régia aos Açores, que visava reafirmar a soberania portuguesa, numa altura em que este arquipélago, por via da sua localização geográfica, assumia especial relevância nas relações entre Portugal e Inglaterra, face ao crescente poderio naval alemão e ao despertar do interesse dos Estados Unidos pelo Atlântico. Assinalam a realização da Exposição das Indústrias, Artes e Ciências e Feira Franca, em Ponta Delgada, e foram criadas pela Fábrica de Cerâmica Leite, então chamada Fábrica Açoriana. Localizado na Lagoa, este fabricante produzia louça vidrada com influência do Norte de Portugal, utilizando barro importado da Inglaterra que, por ser mais fino, permitia a criação de peças mais requintadas, algumas das quais chegaram a ser premiadas em Exposições Nacionais e Internacionais.





As Moedas Islâmicas

A doação da coleção do professor Luís Filipe Thomaz | 3.ª Parte

Do Mar e da Terra... uma história no Atlântico, 20 de maio a 25 de setembro



A 20 de maio prossegue a doação da preciosa coleção de numismática de Luís Filipe Thomaz ao MAH, com a apresentação do seu núcleo de moedas islâmicas. Estas moedas, distintas pela ausência de figuras e pelas inscrições árabes, entraram naturalmente na coleção do historiador com a descoberta da civilização muçulmana, não fora esta, como ele próprio afirma, "um verdadeiro corredor do Velho Mundo, por onde se fazia todo o comércio entre a China, a Índia, Bizâncio e a Europa ocidental." Assim, o colecionador apreciou-as e reuniu-as pela abundância de amodações inerente a esse papel económico, mas muito especialmente por uma transculturalidade, segundo ele, patente nas "das primeiras conquistadores da Península Ibérica, que trazem

inscrições árabes em caracteres latinos, as das margens do Mar Cáspio na época abássida, copiadas das dos Sassânidas, em cuja reversa figura invariavelmente o altar do fogo da religião de Zoroastro"; [ou ainda nas] "amoedações dos Urtúquidas da Anatólia Oriental e dinastias vizinhas nos séculos XI e XII, que copiam moedas helenísticas e bizantinas, podendo observar-se nelas, entre outras curiosidades, inscrições árabes em nome do califa rodeando a imagem da Virgem Maria a carrear o Basileus de Bizâncio..."

A Numária da China e das suas dependências culturais

A doação da coleção do professor Luís Filipe Thomaz | 2.ª Parte

Do Mar e da Terra... uma história no Atlântico, até 15 de maio

A numária imperial chinesa apresenta desde logo caracteres particulares que se manterão até finais do século XIX, tanto na China como nos países por ela influenciados, como o Japão, a Coreia e o Vietname. A partir do século III A. C., as moedas são todas redondas, fundidas quase só em cobre e nas suas ligas, o bronze e o latão, e com um furo ao centro, para poderem circular aos centos enfiadas em baroços. Os cunhos reduzem-se a caracteres chineses, em regra quatro, não ocorrendo quaisquer figuras, e os reversos são lisos. São designadas em português por sapecas, termo de origem malaia ou javanesa, que significa "um centô", mas que se usou desde logo para designar cada unidade. Conhecem-se também por caixas, termo de origem dravídica (sul-indiana), que significa "pequena moeda". As primeiras moedas circulares lavradas em prata pelo estado, conhecidas em português por patacas; de tipo semelhante às das moedas da Europa, do Mundo Muçulmano, da Índia e do Sueste Asiático, à exceção do Vietname, surgiram apenas em 1889, quando a tendência para a mundialização da moeda atingiu a região.

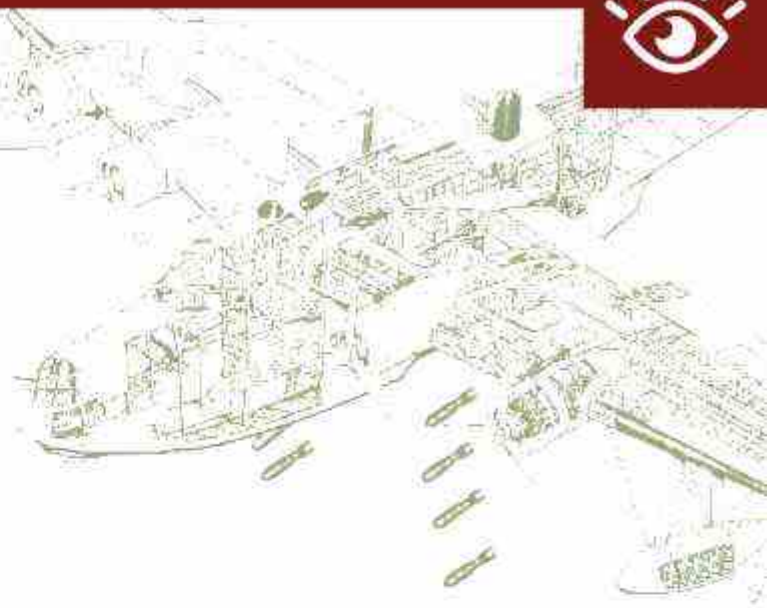




A Aviação e a Batalha do Atlântico Uma Perspetiva à Escala

Do Mar e da Terra... uma história no Atlântico
19 de fevereiro a junho

José Pedro Pires é um jovem enfermeiro terceirense que desenvolveu uma forte paixão pelo aeromodelismo e pela investigação histórica que lhe está associada. Nos últimos anos, montou largas dezenas de modelos de aviões, com grande rigor e impressionante detalhe, em colaboração com a prestigiada revista britânica *Airfix Model World*, líder do sector. Recentemente, decidiu doar alguns modelos ao MAH, tendo seleccionado para mostra precisamente o *Short Sunderland MK.III*, modelo de uma aeronave britânica, que se distinguiu na II Guerra Mundial, no combate à ameaça dos submarinos alemães.



Artes de Guerra

Mostra de um Frasco de Pólvora Fina

Núcleo de História Militar

Manuel Coelho Baptista de Lima

23 de maio a setembro de 2022

As barricas de madeira, embora tivessem sido usadas, até aos meados do século XIX, para guardar a pólvora de artilharia, geralmente de granulagem mais grossa, apresentavam vários problemas. A madeira era porosa e facilmente absorvia humidade, sobretudo quando transportada a bordo, degradando a pólvora. Este problema era particularmente notório no caso da pólvora fina, usada nos ouvidos das bocas de fogo, que era inflamada pelo artilheiro e produzia a inflamação da pólvora dentro dos canos dos canhões. Na *Camêra das Índias*, uma das soluções para guardar esta pólvora fina, da qual dependia a boa ignição das bocas de fogo, era o uso de frascos de cerâmica, de pequenas dimensões, mais eficazes do que os pequenos barris em madeira.



Eram reforçadas com guarnições e tampas de ferro e suspensas por um gancho, de modo a que não rolassem com o balanço do navio nem pousassem em zonas molhadas, podendo ainda receber revestimentos em sisal ou couro entrançado para não entrecrocarem entre si. Este exemplar, em cerâmica grossa, feldspática, próxima do grés, cozida em alta-temperatura (+1200°C), pela sua forma de ombro pronunciado e fundo côncavo é identificável com a produção chinesa da província de Guangdong. Está guarnecida com as estruturas de reforço, tampa e gancho de suspensão em ferro, com decorações simples em latão, características da região de Kerala, no Sul da Costa do Malabar, na Índia. Estes frascos de pólvora têm sido encontrados, muitas vezes já sem os reforços de ferro, em despojos de alguns naufrágios reconhecidamente da *Carreira das Índias*, sendo o seu uso datável entre os séculos XVI e XVIII.

Garbo Marcial

**Mostra de um Protótipo Português
de Capacete de Espigão para Oficial
do Corpo de Estado-Maior**

Núcleo de História Militar

Manuel Coelho Baptista de Lima

15 de fevereiro a maio de 2022



Este capacete é o único exemplar conhecido dum pequeno número de protótipos que antecederam estes capacetes de espigão, adaptados com o plano de uniformes de 1865 e que se mantiveram em uso até ao fim da monarquia. Após o desastre francês na Guerra Franco-Prussiana (1870-1871), qualquer influência uniformológica francesa soaria a uma evocação dessa derrota militar. Assim, o capacete de espigão (*pickelhaube*) foi adotado pela maioria dos exércitos europeus, bem como pelos Estados Unidos da América e pelo Brasil, entre outros. Os capacetes portugueses deste tipo assumiram uma identidade muito própria, resultante dum misto de influências germânicas e britânicas. Geralmente em couro envernizado ou em feltro, com os espigões dourados a terminar em achas de armas, guarnições em metal dourado ou prata e, quando em grande uniforme, com penachos de penas, por vezes com tope de cor, ou ainda sedas de búfalo ou de loaque, projetavam uma imagem de garbo marcial que marcou a imagem militar dos impérios europeus do último quartel do século XIX.





Panaceia Elétrica

Direção Regional da Cultura /
Palacete Silveira Paulo
14 de março a 15 de maio

O método da eletroterapia conheceu forte expansão na comunidade médica, a partir da final do século XIX. Consiste na aplicação de uma corrente elétrica contínua ou galvânica que, através de vários terminais de elétrodos, efetuava descargas de baixa intensidade no corpo do paciente.

A tensão elétrica, atuando na circulação do sangue, da linfa e do protoplasma, curaria as mais variadas doenças, nomeadamente a gripe, a asma, as dores musculares, a gangrena a anemia, a obesidade e até o cancro. Aparelhos como este, pertencente à Unidade de Gestão de Ciência e Técnica do Museu de Angra do Heroísmo, testemunham essa utilização da eletricidade no campo da medicina, no início do século XX.

Foi fabricado na Áustria por Ludwig Schulmeister, como resultado da difusão dos trabalhos de Emil du Bois-Reymond, fisiologista berlinês, para quem a composição de um tecido vivo, à semelhança do músculo, seria constituída por inúmeras moléculas elétricas.



Duelos de Marfim

Aerogare Civil das Lajes
21 de março a 29 de maio

Este jogo de xadrez do século XVIII integra a Coleção de Brinquedos e Jogos do MAH, constituindo uma raridade, dado o seu valor histórico, artístico e estético. Tudo aponta para que seja uma representação das guerras entre o rei George III de Inglaterra e os chineses, quando, em 1793, a Inglaterra propõe à China uma abertura comercial aos seus produtos e o Imperador Qialong nega esse pedido. A sua recusa fez com que os Ingleses forçassem a entrada, sendo a China obrigada a aceitar o domínio estrangeiro dentro do seu território. Este encontro levou à ocupação posterior da China pela Inglaterra, que se seguiu à Guerra do Ópio de 1842. Foi construído no Extremo-Oriente com materiais exóticos e valiosos, sendo as peças esculpidas com minúcia e notável requinte. Terá sido trazido da Índia para o arquipélago por um açoriano, membro do Corpo Expedicionário Português, que ali prestou serviço militar, ilustrando, assim, a participação regular de açorianos nos destacamentos militares das "Campanhas de Pacificação" do antigo império colonial português. Esta peça ter-se-á preservado na família daquele militar até 2008, altura em que foi adquirida pelo MAH.



Bolsa de Prata Vitoriana

Direção Regional da Cultura /
Palacete Silveira Paulo
16 de maio a 15 de agosto

As bolsas de prata, como esta pertencente à Unidade de Gestão de Têxteis do Museu de Angra do Heroísmo, usadas no tempo da Rainha Vitória, combinam a utilidade com a beleza e fazem parte de um grupo relacionado com joalheria funcional. Geralmente eram dependuradas no cós das saias através de um gancho colocado na alça, libertando as mãos. Podiam conter algo tão simples como chaves, dinheiro, cosméticos, tesouras, utensílios de escrita, perfumes, cartas, etc. As primeiras malas de prata foram fabricadas por ourives no primeiro quartel do século XIX e eram totalmente feitas à mão. Só mais tarde, em 1908, foi patenteada uma máquina de tecer malha metálica, tornando este objeto mais acessível.



25 Artistas

35 Gravuras do séc. XX

Museu de Santa Maria

2 de março a 30 de maio

ARTISTAS
25

35 gravuras do séc. XX

Museu de
Santa Maria
2 de março
a 30 de maio



MUSEU DE
SANTA MARIA

Museu de
Angra do Heroísmo

MUSEU DE
SANTA MARIA

Alice Jorge	José Bronze
Almada Negreiros	José de Guimarães
António Charrua	José Júlio
António Pimentel	Julio Pomar
António Santiago Areal	Luisa Bastos
Bartolomeu Cid	Manuela Jorge
Claudio Juarez	Maria Keil
Espiga Pinto	Mily Possoz
Fernando Conduto	Nunes Pereira
Hansi Staël	Ribeiro Pavia
Humberto Lebroto	Rogério Ribeiro
João Abel Manta	Tomaz Vieira
Jorge Barradas	

Esta exposição reúne um conjunto de obras que pertencem à História da gravura em Portugal, sendo constituída por 35 peças de 25 artistas, das primeiras décadas da segunda metade do século XX. Realizadas em diferentes técnicas, nomeadamente a xilografia, a litografia, linógrafia, água-forte, água-tinta, gravura em cobre, risco sobre vidro, entre outras, as estampas apresentadas corporizam o que, no dizer de Fernando de Azevedo, constitui o sortilégio da gravura: o facto de, na sua duplicação artesanal, refletir a mão que a faz, sendo capaz de, desdobrando-se, repartir prazer estético que suscita.

Foi apresentada pela primeira vez, no Museu de Angra do Heroísmo, em 1964, numa ação concertada entre o MAH e a Sociedade Cooperativa de Gravadores, responsável em Portugal pela difusão da gravura como modo de criação artística e suporte, e reposta em 2006 por esta Instituição museológica.



Tempos de Guerra



Nesta visita às exposições *E o Aço Mudou o Mundo e Portugal os Açores e a Grande Guerra*, fala-se do papel dos Açores na I e II Guerra Mundiais e de invenções que mudaram a forma de combater, na terra, no mar e no ar.

Público-alvo: adaptável em função da faixa etária

Pedras Para Que Vos Quero



Esta visita percorre vários espaços expositivos do MAH, ilustrando, a partir de diferentes exemplares de espécies em pedra, as diversas utilizações utilitárias e decorativas dadas a este material, ao longo do tempo, culminando na exploração da exposição *Metamorfoses*, através de atividades lúdicas e de expressão plástica.

Público-alvo: pré-escolar e 1.º ciclo

Em Viagem com o Coelhoinho de Dacosta



Há um coelhinho perdido no claustro da MAH. Com a ajuda dos meninos, terá de reencontrar o caminho para a sua ilha encantada, viajando pelo interior das telas deste pintor tercelense, num percurso mesmo muito atribulado. Uma vez terminada a viagem, vamos visitar A Menina da Bandeira que mora connosco no MAH.

Público-alvo: pré-escolar e 1.º ciclo

Quando a Tinta Não Vinha em Tubos



Oficina de pintura em têmpera, em que as crianças têm a oportunidade de ficar a conhecer os processos tradicionais usados nas oficinas de pintura, antes de se vulgarizar o uso do óleo, pintado em pequenas tábuas com gema de ovo e pigmentos naturais.

Público-alvo: adaptável em função da faixa etária

Consultar o sítio do Museu de Angra para aceder a outras ações de dinamização das exposições de longa duração e reservas, passíveis de serem realizadas quando solicitado: <http://museu-angra.azores.gov.pt/museu-educativo.html>. Visitas orientadas e frequência e ateliês dependentes de agendamento prévio, via telefone 295 240 800 ou através do e-mail museu.angra.agenda@azores.gov.pt.



Visitas Guiadas à Fortaleza de São João Baptista do Monte Brasil

Terça a domingo

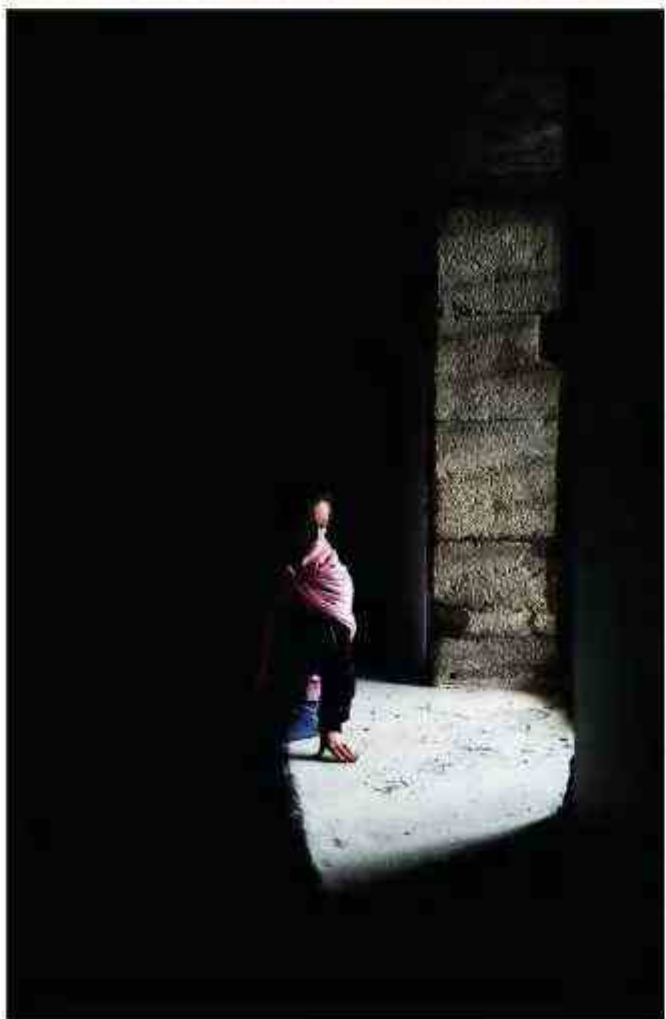
10H00 - 12H00 e 14H30 - 16H30

Ingresso no valor de 5€ inclui visita ao Núcleo de História Militar Manuel Coelho Baptista de Lima

Frequência limitada a 20 pessoas por grupo

Agendamento através do telefone **295 218 383** ou do e-mail **museu.angra.info@azores.gov.pt**

O Museu de Angra do Heroísmo reserva-se o direito de cancelamento da visita, até trinta minutos antes da mesma, por motivos de ordem meteorológica.



Do Mar e da Terra... uma História no Atlântico

Esta exposição constitui a principal narrativa expositiva do Museu de Angra do Heroísmo. Desenvolve-se ao longo de quatro momentos, que vão da descoberta e povoamento das ilhas até à contemporaneidade da Região, pretendendo aprofundar a cultura e história da Ilha Terceira e dos Açores, através das peças mais significativas e de maior valor da instituição.



1º Momento



2º Momento



3º Momento



4º Momento



Edifício de São Francisco Memórias



Na sala junto à receção deste Museu, apresenta-se a história deste espaço conventual e das instituições que o ocuparam ao longo de décadas e até séculos, desde que aqui se instalaram os frades franciscanos.

Coro da Igreja de Nossa Senhora da Guia



O coro era um local de acesso exclusivo aos residentes do convento, os frades franciscanos, que louvavam a Deus e intercediam pela proteção divina, através da oração coletiva, do canto e da introspeção individual. Acima do cadeiral, as paredes encontram-se revestidas por um rico e magnífico apainelamento de azulejos da primeira metade do século XVIII, atribuído a Teotónio dos Santos (1688-1762), que narra episódios da vida de São Francisco. Junto ao coro, encontra-se um órgão, datado de 1788, o mais antigo existente nos Açores da autoria de António Xavier Machado Cerveira, um dos maiores mestres organeiros portugueses.

Portugal, os Açores e a Grande Guerra



Esta exposição constitui uma bolsa temática sobre a participação de Portugal e dos Açores na Grande Guerra. A contextualização temática da mesma é obtida com a utilização de elementos cartográficos, fotográficos e filmicos, que permitem ao visitante perceber o que era a Europa e o mundo, antes e após o fim deste conflito. Os países participantes são representados através de capacetes e outros objetos militares como armas, máscaras antigas, lanternas e sistemas de comunicação, que remetem para o ambiente vivido nas trincheiras.

Igreja de Nossa Senhora da Guia



A Igreja de Nossa Senhora da Guia é um exemplo daquilo a que George Kubler chamou de estilo chão (plain style), estilo arquitetónico português marcado pela austeridade das formas. Ergue-se sensivelmente no mesmo local de uma pequena capela mandada construir, ainda no século XV, com o mesmo orago, pelo navegador Afonso Gonçalves de Antona Baldaia, um dos primeiros povoadores da ilha, junto à sua moradia, que doou, aquando da sua ida para a Praia, aos primeiros frades franciscanos, tendo a capela passado a servir como igreja conventual. Na carta de J.H. Van Linschoten, figura já uma edificação remodelada e acrescentada no século XVI. Edificada entre 1666 e 1672, o templo agora existente tem três naves: a central, que termina na capela-mar; a do lado do evangelho, que termina na porta de acesso à antessacristia; e a do lado da epístola, que conduz à capela atualmente denominada da Ordem Terceira e que primitivamente foi da "mercearia" instituída por André Gomes em 1522.

Reserva de Espécies em Pedra: As Pedras dos Homens



A Reserva de Espécies em Pedra do Museu de Angra do Heroísmo reúne materiais variados que ilustram quotidianos do passado da ilha desde os primórdios do seu povoamento. Pedras tumulares e brasões, uma grande variedade de elementos arquitetónicos de antigos edifícios civis e religiosos e equipamentos próprios das atividades domésticas são algumas das peças que aqui se podem observar. Curiosidades como uma lápide do século XV, provavelmente a mais antiga conhecida nas Ilhas açorianas, lajes tumulares da comunidade protestante do princípio do século XIX na Ilha Terceira e brasões municipais de meados do século XX, que não chegaram a ser utilizados, aguardam a sua visita.

Reserva de Transportes dos séculos XVIII, XIX e XX



No espaço do antigo refeitório conventual, decorado com painéis de azulejos datados do século XVII, o visitante encontra uma variada coleção de transportes de tração animal dos séculos XVIII e XIX de diferentes proveniências, bem como um exemplar de Ford T o primeiro carro a ser produzido em série, revolucionando a indústria automóvel.

E o Aço Mudou o Mundo: Uma Bateria Schneider-Canet nos Açores

A bateria de 7,5 cm de Tiro Rápido Schneider-Canet existente no Museu de Angra do Heroísmo é a única completa em instituições museológicas, incluindo os arreios m/1917, os armões de tração, os carros de munições e os carros-oficina, fundamentais para a uma rápida entrada em posição e conservação do seu potencial de combate. Baterias como a exposta foram adquiridas à fábrica Schneider Frères & Cie., por Portugal, em 1904, tendo sido decisivas na vitória republicana de 5 de outubro de 1910 e na consolidação do regime republicano, no decorrer da 1.ª República, ou ainda, no contexto da Grande Guerra, ao acompanhar a Força Expedicionária a Angola, em 1915. Já no contexto 2.ª Grande Guerra, no início de 1941, de modo a reforçar o dispositivo militar nos Açores, foram distribuídas pelas ilhas de São Miguel, Terceira e Faial.





O Núcleo de História Militar Manuel Coelho Baptista de Lima, instalado no antigo Hospital Militar da Boa Nova, acolhe a notável Coleção de Militar e Armamento do Museu de Angra do Heroísmo, sendo o único museu português não integrado no Ministério da Defesa subordinado a esta temática, em que estão representados os três ramos das Forças Armadas nacionais e estrangeiras. Anteriormente repartida por vários núcleos e reservas, dado a diversidade, volume e quantidade das peças que a constituem, esta coleção é trazida ao público através de três exposições temáticas de longa duração, que, a par de uma explanação da evolução e funcionalidade das armas e de um convite à reflexão sobre as grandes questões éticas, morais e sociais inerentes aos conflitos bélicos, documentam a personalidade e vivências pessoais do patrono Manuel Coelho Baptista de Lima e a história do próprio edifício. Composto por peças de artilharia ligeira e pesada, armas de fogo, armas brancas, proteções metálicas, projéteis, equipamento de logística, arreios, uniformes e condecorações, este acervo, na sua maior parte acomodado em reservas concebidas em obediência à tipologia dos diferentes materiais, reflete o interesse pela área militar e o espírito colecionista do primeiro diretor do Museu de Angra do Heroísmo, Manuel Coelho Baptista de Lima, que, durante mais de três décadas, garantiu por várias vias o seu enriquecimento. O antigo Hospital Militar da Boa Nova é uma estrutura construída de raiz com esta finalidade, nos inícios do século XVII, no tempo da União Dinástica, situado à ilharga da imponente fortaleza filipina, conhecida vulgarmente por Castelo de São João Baptista.



Da Flecha ao Drone

Esta exposição de longa duração remete para a evolução das armas em articulação com a história da humanidade, organizando-se em cinco núcleos temáticos, dispostos de forma diacrónica, tomando possível a ilusão de uma viagem no tempo e no espaço, até aos campos de batalha e ao seu contexto envolvente. O acervo da exposição é composto por armas brancas e de fogo, esfragística, documentos gráficos e de belas artes, uniformes e peças de proteção do corpo, instrumentos musicais, peças de artilharia e material de apoio, transportes e logística.



Memória e Novidade: Manuel Coelho Baptista de Lima e o Património Açoriano

A exposição *Memória e Novidade: Manuel Coelho Baptista de Lima e o Património Açoriano* visa historiar o desempenho deste intelectual angrense, referenciando a sua intenção de construir um discurso identitário e uma memória açoriana, dissonantes do regionalismo etnográfico da primeira metade do século XX, e evidenciando o seu contributo para a utilização, no arquipélago, de novos modelos europeus de gestão e defesa patrimonial, que vão marcar a gênese da ação pública regional nesta área.



O Hospital Real da Boa Nova

Sob este título, reúnem-se as memórias de uso do edifício que terá sido, tanto quanto se conhece, um dos mais antigos, senão o mais antiga hospital militar do mundo, já que, até então, os doentes civis e militares tendiam a misturar-se nas instalações existentes. Tendo a sua raiz primeira no hospital de companhia trazido por D. Álvaro de Bazan, aquando da conquista da ilha Terceira, em 1583, o edifício filipino desenvolveu-se alinhado com a capela de Nossa Senhora da Boa Nova e crescendo, nos tempos de D. José I, com uma ampla enfermaria nova. Os modos de ver a doença e a saúde, na sua relação com o sagrado e com as mezinhas e tratamentos arcaicos, bem como as memórias do que aconteceu neste edifício secular, são revisitados em painéis e peças, na antiga capela e sacristia anexa, recordando a assinatura da rendição espanhola, em 1642, após um memorável cerco de onze meses, mantido pela população e milícias da ilha Terceira, com auxílio das de outras ilhas dos Açores; a pregação de António Vieira, em 1654; a figura da cronista maior da Terceira, Manuel Luís Maldonado (1644-1711), autor da Fenix Angrense e administrador do hospital, que aqui está sepultado; e a instalação, durante algum tempo, do prelo inglês com que foi inaugurada a imprensa nos Açores.





A Carmina | Galeria de Arte Contemporânea Dimas Simas Lopes funciona, desde 9 de outubro de 2020, como um núcleo do Museu de Angra do Heroísmo, na sequência da sua doação à Região Autónoma das Açores pelo seu fundador, cujo nome ostenta, conceituado artista plástico na área da pintura e da escultura. Fundada em 17 de julho de 2004, a Carmina Galeria foi durante oito anos um polo difusor da Arte Contemporânea na Ilha Terceira, assumindo-se como um laboratório de artes e um espaço aglutinador de diferentes expressões culturais, pretendendo-se que continue a afirmar-se como um centro de referência para a divulgação, reflexão e fruição ao nível das diferentes áreas artísticas.

